

MARATONA CHEGA AO FIM

PELA SEXTA VEZ CONSECUTIVA, O COMPANHEIRISMO FOI A TÔNICA DO EVENTO 90 HORAS DE PINTURA CONTEMPORÂNEA

Fotos: Glênio Dettmar

Terminou ontem, em clima de muita descontração, a maratona 90 Horas de Pintura Contemporânea, realizada durante quatro dias na praça central do ParkShopping. Os 20 artistas participantes, selecionados entre 152 inscritos, receberam um prêmio de participação no valor de Cr\$ 5 milhões, oferecido pelo Banco do Brasil. O vencedor receberá ainda uma viagem ao exterior e aos segundo e terceiro colocados serão oferecidos, respectivamente, Cr\$ 5 milhões e Cr\$ 2,5 milhões em dinheiro. (Veja box sobre os vencedores).

O companheirismo, mais uma vez, foi a tônica do evento, que se repete anualmente desde 1987. "Isso aqui vi-

ra uma grande família", afirmou a artista plástica Vitória Basaia, de Mato Grosso do Sul, que participou pela terceira vez da maratona. "Me acrescenta muito, é um grande laboratório, e além disso tem o contato com outros artistas. Já fiz grandes

amigos durante as 90 Horas", completa. Para ela, o cansaço provocado pelas 20 horas diárias de trabalho não é um problema, e sim um estímulo. "O desgaste físico e psicológico acaba fazendo aflorar muita coisa boa, porque o artista é muito sensível", avalia.

Vitória conseguiu não apenas realizar como superar sua proposta inicial de trabalho, numa demonstração de que o cansaço lhe foi mesmo estimulante. "Não pensei que pudesse produzir tanto", diz, referindo-se às várias telas e objetos com que celebrou os ícones da América.

Tarcísio Viriato, artista plástico de Brasília, participou pela primeira vez da maratona de pintura contemporânea e ficou muito satisfeito. "Foi sensacional", comemora. Para ele, o cansaço também é uma forma de estímulo. "O desgaste tem um limite. A partir daí vem o transbordamento criativo", avalia. Ele ressalta a importância do contato entre os artistas para o intercâmbio de técnicas e informações, além do convívio que resulta em sólidas amizades. O contato com o público — o que não acontece num ateliê — é outra fonte de inspiração desse artista. "As pessoas param para olhar, incentivam o trabalho, fazem comentários, perguntam e até compram quadros".

A troca de conhecimentos e de energia é a grande conquista da maratona para o artista plástico Caruso, de Mato Grosso, que participou do evento pela quarta vez. "Não me sinto cansado. A troca é sempre revitalizante", diz. Franz Guimarães, outro artista de Brasília, acredita que valeu a pena o esforço que empregou na realização de cinco enormes murais formados por três módulos cada. Ele é o autor da idéia que deu origem ao evento, em 1987, e participou agora pela segunda vez das 90 Horas.

Quase unanimidade entre os participantes e organizadores do evento é a conclusão de que o resultado, este ano, supera os antecedentes. Os trabalhos, em geral, são considerados de muito bom nível, envolvendo técnicas e temáticas bastante variadas. "Me surpreendeu o nível dos trabalhos. Acredito que mais da metade tem chance de ficar entre os três vencedores", avalia Hamilton Gondim, terceiro colocado na competição que envolveu, no ano passado, artistas de Brasília e Rio de Janeiro.

Para Hamilton, o mais importante da maratona é que a praça central do ParkShopping se transforma, durante os quatro dias, num grande ateliê coletivo. "O artista em geral é muito solitário, fica seis ou oito meses trancado num ateliê, esperando o dia da vernissage. Aqui existe o contato permanen-



Franz Guimarães, Anselmo Rodrigues e Jefe: os primeiros colocados na maratona, que o Jornal de Brasília vem promovendo desde 87, e que já faz parte do calendário cultural local

te com o público", afirma. O cansaço não incomoda esse artista: "Você respira arte aqui dentro. É muita informação de uma só vez. Esses quatro dias de maratona correspondem a seis meses de trabalho num ateliê".

A avaliação geral do evento é positiva, tanto em relação à experiência como em relação aos resultados. Ruy Pereira da Silva, um dos organizadores e membro da Comissão de Seleção, considera o resultado extremamente positivo. "Este ano foi o melhor de todos. Os artistas estão partindo para projetos mais ambiciosos, e os trabalhos me surpreenderam pela qualidade", analisa. Ruy Pereira ressalta o sentimento de solidariedade que se cria entre os participantes: "São 20 artistas que formam uma grande família. Eles saem da clausura dos ateliês e vêm para a praça pública. Isso é maravilhoso".

A opinião de Ruy Pereira da Silva sobre os trabalhos é compartilhada por Lisete Almeida, uma artista plástica de Brasília que não participou da maratona, mas fez questão de conferir. "O nível dos trabalhos este ano está muito bom. A gente sente o empenho e a seriedade de cada artista estampados em suas obras", diz. Sem coragem de enfrentar a maratona de 90 horas, Lisete, no entanto, não deixou de participar ao seu modo. Ela saiu de casa e foi até o ParkShopping,

VENCEDORES

TEMÁTICA VARIADA

Franz Guimarães foi o grande vencedor das 90 Horas de Pintura Contemporânea, e receberá como prêmio uma viagem à Europa, com passagem aérea Brasília-Lisboa (ida) e Roma-Brasília (volta), além de um passe com validade de um mês para viajar por toda a Europa. O segundo colocado, que receberá Cr\$ 5 milhões em dinheiro, é o brasiliense Anselmo Rodrigues, e em terceiro lugar está outro brasiliense, Jefe, que receberá Cr\$ 2,5 milhões.

Franz Guimarães mantém seu ateliê em Brasília e já participou da maratona em outra ocasião. Ele é o autor da idéia que resultou na realização do evento. Franz realizou cinco enormes painéis, compostos de três módulos cada, sobre temática variada. "Meu primeiro painel intitula-se Florestália e faz alusão à Floresta Amazônica, com destaque para sua fauna (pantera, veado mateiro, tucanos, etc). O outro, Bordelo, fala da paixão e da luxúria e nele predominam os tons carmim. O terceiro, Doremi, tem o jazz como motivação e tons sombrios. O quarto, Corral P.O., mostra meu restaurante-casa, onde moro, na BR-67. Lá, faço leilões de gado, parte de minha profissão paralela. O último painel intitula-se Cosmopolipop e, como não poderia deixar de ser, retrata uma paisagem urbana", relata o artista.

Anselmo Rodrigues garantiu o segundo lugar com quatro painéis em que retrata figuras do folclore brasileiro, animais da fauna tropical e símbolos da literatura de cordel. O trabalho de Jefe, terceiro colocado na maratona, reúne 49 pequenos quadros compondo um imenso painel abstrato, num estilo que o autor denomina de "abstracionista pessoal", onde predominam os tons azuis, rosas e lilazes.

como fizeram várias outras pessoas, somente para ver de perto um acontecimento desse porte. E ficou bastante satisfeita.

Mas a avaliação final sobre os trabalhos é mesmo a do júri, que se reuniu na tarde de ontem para escolher os três vencedores. O embaixador Wladimir Murinho presidiu o corpo de jurados, representando o Ministério da Cultura. O ministro Sérgio Telles, diplomata e artista plástico, compôs o júri, ao lado de Célia Câmara (vice-presidente do Jornal de Brasília e diretora da Casa Grande galeria de Arte, de Goiânia), Ruy Pereira da Silva (diretor do Leme Espaço Cultural, do Rio de Janeiro), Rogério Duarte (diretor do Museu de Arte de Brasília), Valdir Jagmin (assessor de artes plásticas da Fundação Cultural do DF), Léo Christiano Soares Alsina (editor de livros de arte), Marlene Galeazzi (jornalista), Rossini Perez (gravador) e Charles Mayer (pintor e professor da Universidade de Brasília).

Para o próximo ano, os organizadores das 90 Horas de Pintura Contemporânea pretendem não apenas repetir a dose em Brasília como também reativar as etapas de Goiânia e Rio de Janeiro da maratona, além de criar uma quarta etapa, na capital paulista. Os artistas já podem começar a se preparar para a próxima.